

Este trabalho pretende, a partir das formulações de Michel Foucault e de Theodor Reik, propor algumas questões em torno da confissão, e do que poderíamos chamar de “lógica” ou “modelo” confessional, especialmente em função de uma articulação entre singularidade e assujeitamento. Nosso interesse aí, além da própria interrogação sobre as fronteiras entre a submissão ao outro e a afirmação de si, é um questionamento sobre as possibilidades e destinos do pensamento e da clínica psicanalítica no mundo contemporâneo.

Diante de um mundo marcado pela violência, em todas as suas formas, sobretudo simbólicas, e pela sua derivação em novos modos de padecimento psíquico, o que aqui se coloca em jogo são os limites da psicanálise: por um lado, a partir da crítica de Foucault ao dispositivo de sexualidade, enquanto estratégia de deciframento reflexivo do sujeito (Foucault, 1984); e, por outro lado, seguindo os trabalhos de Reik sobre a confissão (Reik, 1973/1979/1997), como ato terapêutico fundado numa articulação radical entre a expressão das pulsões e desejos inconscientes, por um lado, e a culpa e o reconhecimento da lei, por outro.

Uma aproximação entre a clínica psicanalítica e a situação confessional aparece já em Freud, num de seus primeiros escritos, quando ele afirma que, para vencer as resistências do paciente, o analista deve procurar trabalhar “*como um padre confessor que dá absolvição, de certo modo, pela continuação de sua simpatia e respeito depois de feita a confissão*” (Freud 1895). Essa aproximação vai se sustentar principalmente

* Cunha, Eduardo L. Entre o assujeitamento e a afirmação de si. Cadernos de Psicanálise, SPCRJ, v.18, n.21, p.167-

na tradição norte-americana, sendo explorada constantemente por autores como Greenson (1981) e Fenichel (1981), seja no contexto da técnica psicanalítica seja no âmbito de uma psicopatologia. Se nesses autores a confissão aparece claramente articulada ao imperativo terapêutico de tornar consciente o que é inconsciente e às resistências colocadas pelo paciente ao trabalho analítico, em outros – pertencentes a outras tradições do campo psicanalítico – tal leitura do ato confessional permanece como uma espécie de sombra, aparecendo sub-repticiamente quase sempre no contexto do reconhecimento de um desejo inconsciente, proibido, vivido como uma falta moral, por exemplo na tomada em consideração de uma experiência no domínio das perversões (M'Uzan, s/d). E assim, desejo, lei e culpa se tornam indissociáveis.

Dois lugares para a confissão.

Para Foucault a confissão é uma das técnicas de si, um dos modos pelos quais o indivíduo pode estabelecer uma relação consigo mesmo e produzir uma série de operações sobre seu corpo, seus pensamentos e sua conduta (Foucault, 1994; p.785). Mas não é apenas mais uma entre outras técnicas: elemento fundamental na tradição cristã, o dispositivo da confissão pode ser tomado ainda como o modelo e mesmo a matriz do modo, como, na civilização ocidental, o sujeito pode produzir um discurso de verdade sobre si-mesmo.

“A confissão seria desde então a tecnologia fundamental para a construção de si-mesmo, pela qual enunciar em palavras para o outro, de maneira contrita, as máculas da sua alma, isto é, as suas culpas e

pecados, seria o caminho obrigatório para a ascese purificadora de individualidade em direção à transcendência divina.” (Birman, 2000; p.83)

É a partir desse lugar fundamental que a confissão pode ser colocada na base da construção de uma *scientia sexualis*, como elemento chave do dispositivo de sexualidade, hipótese formulada por Foucault, no esboço de um história de sexualidade dos últimos três séculos e que se desenvolve dentro de um projeto de uma genealogia do poder. Hipótese que coloca em questão não exatamente a relação dos indivíduos com a sua sexualidade, e como essa relação foi reprimida, sufocada ou eventualmente assumida, mas o modo com essa relação vai se construir no quadro de uma teia de relações de poder e técnicas de saber, em meio a jogos de verdade e uma imensa e intensa produção discursiva sobre o corpo, o desejo e o sexo (Foucault, 1984).

De uma maneira bastante rápida e rasteira o que estamos destacando é que segundo Foucault a história moderna da sexualidade e o lugar que a confissão ocupa nessa história dizem respeito principalmente ao modo como o indivíduo é levado a buscar dentro de si, diante de um outro, uma verdade sobre o seu desejo que diga ainda toda a verdade sobre o conjunto da sua existência. É assim que a confissão pode ser então definida como “*uma maneira de submeter o indivíduo, requerendo dele uma introspecção indefinida e o enunciado de uma verdade sobre ele.*” (Gros, 2001; p.492)

A confissão seria então algo da ordem do assujeitamento, implicando não só em uma relação de obediência, mas também na adoção pelo indivíduo do discurso do outro, no momento mesmo de enunciação de uma verdade sobre si. Discurso que se materializa então como discurso de poder (Barthes, 1989), e engendra o erro, a culpa.

Em contraponto direto à leitura de Foucault, ao menos nessa aproximação preliminar, a confissão, ou mais exatamente o que ele chamará de “*compulsão a*

confessar”, assumirá em Reik, um lugar fundamental no processo de cura promovido pela psicanálise.

Para o contemporâneo de Freud, tal compulsão se associa a uma tendência geral das pulsões e desejos inconscientes a buscar acesso à consciência e ao mundo externo, onde esperam encontrar satisfação. É assim um movimento característico do aparato psíquico, vinculado ao movimento pulsional, inconsciente em sua origem, conteúdo e natureza (Reik, 1997).

Diferencia-se, no entanto dessa tendência geral do inconsciente a expressar-se por se articular à necessidade de punição e ao sentimento de culpa, frutos da entrada em cena do supereu e da interiorização das normas e valores morais presentes na educação do indivíduo pela via das identificações. É assim que essa confissão inconsciente pode ser vista como formação de compromisso, e é assim ainda que ela vai aparecer para o próprio indivíduo, na maioria das vezes, não como confissão, mas como sofrimento, como sintoma. (ibid)

Diferentemente do sintoma, no entanto, a confissão inconsciente assume no tratamento psicanalítico um papel extremamente positivo, já que implica na transposição do conteúdo do inconsciente para a linguagem verbal e assim em sua passagem para o sistema pré-consciente/consciência, tornando-o dessa forma acessível ao eu. A enunciação do desejo pela via da confissão é tomada então como um modo de retorno do recalado no qual a mediação entre o isso e o eu é feita pelo supereu. E se torna assim a forma privilegiada pela qual o indivíduo pode ter acesso ao seu inconsciente, afirmar o seu desejo e assim libertar-se da sua neurose. Não esquecendo que aqui o critério para a cura e imperativo fundamental da análise ainda é o “tornar consciente o inconsciente”.

A partir, então, dessa apresentação inicial da confissão e dos sentidos que ela pode assumir diante do ponto de vista desses dois autores, o que pretendemos esboçar é, mais do que uma crítica ou verificação da inserção da psicanálise na crítica de Foucault sobre o dispositivo da sexualidade, o modo como o lugar ocupado pela confissão na encruzilhada entre os dois autores, trabalhando a partir de perspectivas e métodos tão diferentes, pode nos fazer pensar sobre a atualidade e o lugar que nela podem ocupar o modelo confessional, a psicanálise e a relação consigo mesmo, especialmente como discurso ou enunciação de si.

Assim, percorreremos então uma linha de interrogação, indicando questões e perspectivas a partir especialmente de três pontos: as relações entre sujeito e verdade; o lugar do sexual na enunciação e construção de um si-mesmo; a implicação necessária entre a afirmação de si e a consciência moral.

O sujeito e a verdade.

O primeiro aspecto a ser considerado é que na confissão o que se põe em jogo é a verdade do sujeito. Em Reik, tal afirmação se refere ao fato de que é no ato confessional que o desejo inconsciente, recalcado, pode ser enunciado e assim ter acesso ao eu, da mesma forma que o trauma pode ser revivido, revelando-se assim os verdadeiros motivos do adoecimento e do sintoma. A confissão é o então o ponto de partida para um deciframento do sujeito. Para Foucault, é na produção discursiva que marca a confissão, e seus derivados, que se engendrarão uma verdade e um sujeito. A verdade aqui é o objeto permanentemente buscado, encontrado e perdido no exame de si-mesmo, produto discursivo que localizará o indivíduo como sujeito, a partir de certas categorias identitárias pré-formadas.

Seguir Foucault a partir daí significa tomar o sujeito e a verdade não como essências ou algo preexistentes, mas como dados que vão se construindo e se transformando a cada momento (Peixoto Jr, 2000), ao mesmo tempo em que dão conta da inserção do indivíduo nas relações de poder e da sua submissão aos jogos de verdade que atravessam o seu lugar e o seu tempo. E é assim que a crença em uma verdade fundamental e a crença em um sujeito uno se tornam indissociáveis. No centro deste nó, a tradição cristã e o dispositivo da confissão (Foucault, 1981), sendo que não seria possível pensar tal sujeito fora dessa tradição.

O que nos parece importante destacar é que é no exame de si e na fala que procura dar conta desse exame, que o sujeito se engendra, como resultado mesmo dessas técnicas de exame e de enunciação. Nenhum sujeito a ser buscado enquanto essência, nenhuma verdade absoluta.

Mas o que, no pensamento de Reik pode garantir que na confissão é da verdade que se trata? Também ali o olhar, a escuta e a palavra de um outro em uma posição de poder. Também ali uma operação de deciframento, de interpretação em função de certos jogos de verdade – a teoria psicanalítica, sua nosografia e sua etiologia das neuroses.

É claro que podemos responder com a inevitável inserção do pensamento psicanalítico no dispositivo da sexualidade e mesmo com sua vinculação inegável pelo menos até certo ponto com a filosofia do sujeito e sua crença no exame de si mesmo, capaz de proporcionar, mais além do erro e do segredo, certezas fundamentais para a consciência (Foucault, 1984). Fazer assim do desejo inconsciente, esse falso segredo, que se esconde e se revela ao mesmo tempo, motivo e motor de um processo de enunciação de si no qual o indivíduo vai se enredando nas tramas do poder, se sujeitando aos jogos de verdade que o cercam. Tomá-lo ainda, esse desejo, como

fundamento e origem mítica, matriz dessa operação de busca da verdade no interior, pela via da confissão.

Ainda que destaquemos o descentramento do sujeito e sua fragmentação em instâncias e sistemas; o lugar de não saber do eu sua submissão à ordem da pulsão, não seria possível escapar a esta operação de deciframento e ao discurso de um outro, dono da verdade (ibid).

Mas há na situação analítica, quando se trata de verdade, algo além do deciframento e da decodificação: o jogo das intensidades que vão percorrer a cena confessional.

Para dar conta de suas formulações teóricas acerca da confissão, Reik precisa de uma economia, de intensidades, tensões, prazeres e afetos. E esse cálculo das intensidades começa no momento mesmo em que a confissão se dá, quando é o corpo do paciente, com seus movimentos incontidos e suas mudanças no tom de voz, que vai dar o aval à verdade que ali se enuncia (Reik, 1997). São as palavras que trazem a verdade, mas é algo além, ou aquém, da palavra que pode garantir que é de uma verdade que se trata.

E assim, o paciente diz o que não quer dizer. Talvez porque a verdade do que diz se estabeleça apenas no momento de sua enunciação, atravessada pelo olhar e pelo discurso do analista que interpreta. Mas também obedecendo a uma economia. A compulsão a confessar é da ordem do movimento das pulsões, e do jogo de tensão e força que perpassa o aparato psíquico. Confessar implica em aliviar a tensão, em descarregar o excesso, em apaziguar a angústia. E para isso é preciso por o corpo em jogo.

Para Reik, seguindo o modelo freudiano da “Interpretação dos sonhos”, o essencial na confissão, que marca sua distinção quanto aos sintomas e lhe dá o seu

poder terapêutico, é que ela implica em uma passagem dos conteúdos inconscientes ao pré-consciente pela sua transposição para a linguagem verbal, sua transformação em palavras (ibid). Mas isso não é tudo, pois é preciso todo um cálculo de prazer e sofrimento que dê sustentação a essa lógica confessional. E é assim que não podemos tomar o ato analítico como simples deciframento de uma verdade que já está ali, no interior, apenas codificada, a espera da introspecção do paciente e do esforço interpretativo do analista.

Assim, a batalha pela enunciação de si tem que se dar num espaço de fronteira, em algum lugar entre a produção discursiva, certamente submetida às injunções de poder aos jogos de verdade nos quais o indivíduo está inserido historicamente; e a gestão da pulsão, das intensidades que, a partir de algum lugar que ele não sabe exatamente qual é, invadem seu corpo e o põem a falar. É nesse movimento que verdades podem ser produzidas. E é assim também que o sujeito ganha forma e se transforma, no próprio ato de enunciação, não apenas pelo deciframento operado pelo reconhecimento de um outro, mas também pela possibilidade de que esse outro possa acolher, mais do que as palavras que lhe cabe decifrar, a intensidade que dá a essas palavras o poder de agir como verdade.

E na origem, o sexual.

Mas essa verdade que aí se produz não é uma verdade qualquer. Capaz de dar conta dos sentidos da existência do indivíduo, de agir sobre ele e a partir dele, ela será ainda, uma verdade do sexo. É assim na psicanálise, ao menos o era nos bons tempos da aventura freudiana. Mas é assim também na tradição ocidental dos últimos 300 anos, marcada pelo desenvolvimento das técnicas de dominação do corpo e das populações. Inserida no dispositivo da sexualidade, a confissão se volta de maneira

radical para o desejo e o sexo. É no sexo que se esconde a verdade do sujeito e é enunciando uma verdade sobre o seu sexo que o sujeito se constitui, alcançando uma verdade sobre si-mesmo.

“Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular... Talvez nenhum outro tipo de sociedade jamais tenha acumulado, e num período histórico relativamente tão curto, uma tal quantidade de discurso sobre o sexo. Pode ser, muito bem, que falemos mais dele do que de qualquer outra coisa: obstinamo-nos nessa tarefa; convencemo-nos por um estranho escrúpulo de que dele não falamos nunca o suficiente, de que somos demasiado tímidos e medrosos, que escondemos a deslumbrante evidência, por inércia e submissão, de que o essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir a sua procura. No que diz respeito ao sexo, a mais inexaurível e impaciente das sociedades talvez seja a nossa.” (Foucault, 1984; p.35)

Ao considerar a tradição cristã, o que Foucault identifica é uma passagem significativa da temática reprodutiva, marcada pela relação com o outro, à temática da ereção, marcada pela relação consigo mesmo, com o próprio corpo e com a própria alma, o controle das vontades e dos apetites, fundamental no trabalho de ascese em busca da transcendência (Foucault, 1994). É a partir daí que o sexo vai se

configurando no eixo central de toda uma produção discursiva fundada no saber sobre si. E é a partir daí que nada no sujeito escapa à sua sexualidade. São as suas manias que controlam a sua existência, inscritas em seu corpo, como um segredo a que cabe revelar. A verdade do sujeito se torna a verdade o seu sexo, e vice-versa, e o sexual se torna o eixo fundamental da vida do sujeito.

E aqui, talvez a pergunta que caiba colocar é: mas do que é que o sexo quer falar? Se a psicanálise opera, como reconhece Foucault, com algo além do assujeitamento, pelo questionamento da interdição e pela produção de novos jogos de verdade, estabelecidos na própria passagem do sistema de alianças ao dispositivo de sexualidade, se torna importante saber o que no pensamento psicanalítico pode sustentar esse lugar privilegiado do sexual, para além da tradição cristã, procurando escapar dos dispositivos de poder que, estabelecendo uma verdade sobre o sexo, se efetua em dominação sobre os indivíduos e as populações.

Certamente não se trata de uma pergunta simples, e mais certamente ainda não nos atreveremos a respondê-la. Mas acreditamos de qualquer modo demarcar talvez o terreno em que uma tal resposta pode ser encontrada. E aí, a partir de Foucault, vale a pena pensar na relação consigo mesmo enquanto relação com o próprio corpo, com a própria materialidade. E também na relação com os outros, pois é o corpo – e mais especificamente o corpo erógeno, esse corpo investido de desejo por um outro – que vai se configurar nesse território de confronto entre o eu, a pulsão e o outro. É assim que se retomamos Reik e pensarmos também em Freud e nas verdades buscadas pelo tratamento analítico na vida do paciente, esse sexual revelado pela confissão aparecerá sempre como presença e efeito de um outro sobre o indivíduo.

Mas o sexual revelado em confissão na análise terá ainda uma outra marca, a marca do infantil. E aí o sexual pode nos remeter à questão das origens. Assim como a

verdade sobre o trauma, revelada em uma confissão inconsciente, dá conta da etiologia da neurose, ela pode dar conta da origem do sujeito, ainda que seja uma origem mítica, o ponto onde tudo começou, e onde todas as razões, e todas as verdades, podem encontrar seu fundamento.

Quando o desejo se faz discurso, fala a consciência moral.

O sexual, ou melhor, as tendências eróticas, se ligam ainda a um outro movimento presente no ato confessional: a necessidade de punição, e através daí, à consciência moral. Quando o indivíduo confessa, ele faz falar o seu sexo, enuncia a sua verdade e põe em questão a sua origem, mas isso só é possível porque nessa fala uma outra voz se insinua.

Um ponto central na argumentação de Reik se refere ao fato de que na confissão, o recalcado encontra expressão, e o desejo proibido pode ser dito, porque naquele mesmo momento a consciência moral ganha voz (Reik, 1997). O que vale dizer que não há afirmação, reconhecimento do desejo sem o reconhecimento, e a reafirmação, da sua interdição. Não havendo, portanto, da mesma maneira, afirmação de si sem obediência. A confissão é justamente esse movimento que permite ao sujeito enunciar a transgressão e reconhecer a lei.

A compulsão a confessar se constitui como uma diferenciação do movimento geral das moções pulsionais em direção à consciência e ao mundo externo, sob a influência decisiva das forças do recalçamento, são as forças restritivas do mundo externo que vão dar a essa compulsão suas características distintivas.

“Começamos agora a entrever a diferença existente entre uma necessidade primitiva de expressão e a tendência a confessar que será

objeto de nosso estudo. Se as moções pulsionais que lutam por si exprimir são repelidas ou condenadas pelo mundo exterior, o eu ainda fraco só consegue manifestá-las sob a forma de uma confissão. (...) O sintoma que satisfaz assim a necessidade de expressão das forças do recalçamento e aquela da tendência recalçada assume a forma de uma confissão, sendo dado que esse é o nome que damos à revelação de pulsões ou desejos que são sentidos como proibidos ou reconhecidos como tal.” (ibid; pp.175-177)

É o mundo exterior que transforma a expressão em confissão e é por sua inserção na cultura que o indivíduo só pode expressar o seu desejo no momento em que reconhece sua interdição, e assim o desejo e a lei se tornam indissociáveis, não em uma origem mítica, mas no momento de sua enunciação diante de um outro.

Ao confessar, o indivíduo gratifica a moção pulsional que o empurra em direção ao objeto, e gratifica também a necessidade de punição, apaziguando assim a angústia despertada pela transgressão. Angústia que se remete a uma culpa, cujas matrizes, na espécie mais do que no indivíduo em particular são as faltas originais do mito freudiano de “Totem e Tabu” ou as garantias fundamentais do sistema de alianças: o parricídio e o incesto (ibid).

Para Reik, o que se materializa na confissão é o laço indissociável entre a suspensão do recalque e o reconhecimento da interdição. O que significa dizer que aí se trata não só da enunciação do desejo, mas também do reconhecimento da lei. Para conhecer a si mesmo, ser apresentado a si mesmo, o indivíduo precisa afirmar o seu desejo reconhecendo a sua culpa. Aqui, revela-se o lugar privilegiado do supereu: é a instância da consciência moral, formada a partir de identificações com os primeiros

objetos de amor, que pode socorrer o eu, sufocado entre as demandas do mundo externo e a pressão das moções pulsionais. É dando voz essa consciência moral, reconhecendo as proibições que implicam a sua inserção na ordem da cultura, que o eu pode, confessando-se afirmar o desejo. E assim, ainda, demandar o amor do objeto, pois não podemos esquecer o ponto crítico de ambivalência no ato da confissão: ao assumir sua culpa e reclamar sua punição, o indivíduo enuncia também uma demanda de amor e de reconhecimento pelo outro.

Se em Foucault, a enunciação de si se dá como assujeitamento e obediência, e a verdade do sujeito pode ser tomada como reflexo de uma identidade pré-formada, produto de uma trama de relações de poder e saber; em Reik é esse assujeitamento que permite ao indivíduo colocar seu desejo em circulação e demandar ao mesmo tempo o estabelecimento de um vínculo amoroso, afetivo, com o outro.

Dessa forma, podemos pensar em um assujeitamento necessário, e na confissão como modelo e matriz do único modo possível de subjetivação no Ocidente moderno. Subjetivação que se dá como submissão e obediência. Afirmação de si que se faz como confissão, reconhecimento de si fundado na culpa e no castigo.

Mas certamente esta não será a única possibilidade para o indivíduo se afirmar e se transformar como sujeito. O que temos aqui, como aponta Foucault não é um destino inexorável, mas um desafio ético e político. Se é no discurso que poder e saber se articulam em estratégias de dominação, é também a partir desse campo que se pode operar um quebra dessa articulação e a produção de novos jogos de verdade (Foucault, 1984). O poder estará sempre aí, mas estará também a resistência. Podemos aqui, ainda seguindo Foucault, pensar em outros modos de cuidado de si e numa nova estética da existência (Foucault, 1988).

Precisaremos de qualquer modo, ir além do deciframento e da submissão; reconhecer a lei para transformá-la – tarefa ainda mais difícil nesse tempo de foras-da-lei. Buscar então um equilíbrio delicado, de reconhecimento de si e do outro, para além do assujeitamento, pela afirmação da diferença. Um equilíbrio de intensidades, na produção talvez de um novo lugar, entre a submissão e a afirmação de si, entre a culpa e o amor, entre a obediência e o desejo.

Bibliografia:

Barthes, Roland. *Aula* (1978) São Paulo: Cultrix, 1989

Birman, Joel. *Entre cuidado e saber de si – sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000

Fenichel, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. (1945) Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1981

Foucault, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. (1976) Rio de Janeiro: Graal, 1984

_____. “Sexualité et solitude” (1981) in Foucault, M. *Dits et écrits* Paris: Gallimard, 1994 Vol.IV

_____. “Les Techniques de soi” (1988a) in Foucault, M. *Dits et écrits* Paris: Gallimard, 1994 Vol.IV

_____. “L’étique du souci de soi comme pratique de la liberté” (1988b) in Foucault, M. *Dits et écrits* Paris: Gallimard, 1994 Vol.IV

_____, Michel. *L’herméneutique du sujet – cours au Collège de France (1981-1982)*. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana par Frédéric Gros. Paris: Gallimard/Le Seuil, 2001

Freud, Sigmund; Breuer, Joseph. “Estudos sobre histeria” (1895) in Freud, S. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1984 vol.II

Freud, Sigmund. “La interpretación de los sueños” (1900) in Freud, Sigmund. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987 vols. IV e V

Greenson, Ralph. *A técnica e a prática da psicanálise* (1967) Rio de Janeiro: Imago, 1981 2 vols

Gros, Frédéric. "Situation du cours" in Foucault, M. *L'herméneutique du sujet – cours au Collège de France (1981-1982)*. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana par Frédéric Gros. Paris: Gallimard/Le Seuil, 2001

M'Uzan, Michel de. "Um caso de masoquismo perverso" in...

Peixoto Jr. Carlos A., "A estética da existência e o cuidado de si como formas de subjetivação." in *Tempo psicanalítico*, SPID, Vol.32, Rio de Janeiro, 2000

Reik, Theodor. *Fragment d'une grande confession*. (1949) Paris: Denoël, 1973

_____. *Mythe et culpabilité – crime et châtement de l'humanité*. (1957) Paris: PUF, 1979

_____. *Le besoin d'avouer – psychanalyse du crime et du châtement*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1997

Palavras-chave:

Confissão; clínica psicanalítica; poder; sujeito.